

## **Este corpo que me veste... Aprendendo sobre saúde e beleza com a Turma da Tina**

### **This body that dresses me ... Learning about health and beauty with Tina's Gang**

#### **Marcos Allan da Silva Linhares**

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas  
PPGECM – IEMCI – UFPA  
marcosallan.18@gmail.com

#### **Lêda Valéria Alves da Silva**

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas  
PPGECM – IEMCI – UFPA  
leda\_valeria@yahoo.com.br

#### **Sílvia Nogueira Chaves**

Universidade Federal do Pará – UFPA/IEMCI  
schaves@ufpa.br

### **Resumo**

Neste artigo investigamos enunciados e práticas que instituem a estética de um suposto “corpo ideal” que tem mobilizado diversos tipos de mídia, entre elas jornais, revistas, histórias em quadrinhos (HQ's), sites especializados na internet, etc. Em todas elas há um convite cada vez mais incisivo ao emagrecimento, à prática de exercícios e à comida dita saudável. As HQ's, por exemplo, tem sido considerada por educadores como um currículo capaz de divertir, transmitir uma forma de ser e viver no mundo. Nesta pesquisa, tomamos como *corpus* inicial de análise uma história em quadrinho intitulada “Este regime não está cheirando bem”, publicada no Almanaque Turma da Tina. A análise mostrou que a história associa a magreza à saúde e a obesidade à doença e investe na construção de uma constante busca por um corpo que não é o seu e que precisa, a todo o momento, ser melhorado.

**Palavras chave:** Mídia, Produção do corpo, Histórias em Quadrinhos, Processos de subjetivação.

### **Abstract**

In this article we investigate statements and practices that establish the aesthetics of a supposed "ideal body" that has mobilized diverse types of media, among them newspapers, magazines, comic books, websites, etc. In all of them there is an ever more incisive invitation to weight loss, exercise and healthy food. Comic books, for example, have been considered by educators as a curriculum capable of entertaining, transmitting a way of being and living in the world. In this research, we take as corpus of analysis a comic book entitled "This regime

is not smelling good", published in the Almanac Tina's Gang. The analysis showed that history associates leanness with health and obesity with disease and invests in the construction of a constant search for a body that is not yours and that needs, at all times, to be improved.

**Key words:** media, production of the body, comic books, subjectivation process.

## Introdução

A estética de um suposto “corpo ideal” tem mobilizado diversos tipos de mídia, entre elas jornais, revistas, histórias em quadrinhos (HQ’s), sites especializados na internet, etc. Em todas elas há um convite cada vez mais incisivo ao emagrecimento, à prática de exercícios e à comida dita saudável. Neste contexto vemos a mídia como um lugar onde o poder exerce, nos convocando constantemente a participar, a escolher nossas preferências e narrar nossas vidas (HARDT; NEGRI, 2016), ou seja, a mídia não só veicula, ela também cria modos de ser produzindo sujeitos e identidades. Assim, toda uma conduta dita como certa para o corpo é estabelecida por meio da mídia.

As HQ’s, por exemplo, tem sido considerada por educadores como um “currículo cultural [capaz] de divertir, transmitir uma forma de ser, sentir, viver e se comportar no mundo, podendo ser utilizadas de maneira interdisciplinar nos diversos conteúdos escolares” (ALCÂNTARA, 2014). Assim, as HQ’s têm alcançado cada vez mais espaço na vida de jovens e adolescentes no espaço escolar. Trabalhos como o de Vergueiro (2005) entre outros, apontam para a importância do uso das “histórias em quadrinhos pelos professores, em diferentes disciplinas escolares, que nelas buscaram não apenas elementos para tornar suas aulas mais agradáveis, mas, também, conteúdos que pudessem utilizar para transmissão, e discussão de temas específicos nas salas de aula” (p.20).

Dessa maneira, percebendo a importância desse artefato cultural no currículo de ciências, é interessante perceber como essas histórias operam na produção de sujeitos. Pensamos então, assim como Andrade (2013a, p.109), que os ensinamentos transmitidos pelos mais diversos tipos de artefatos estão presentes e persistentes na escola e que junto com ela instituem quais conhecimentos podem ser entendidos como “verdadeiros” ou não.

Os discursos veiculados através da mídia são endereçados e interessados e buscam atingir o público a que se destinam através de incessantes estratégias de convencimento que levam as pessoas a se identificarem (ou não), a sentirem-se nomeadas, visibilizadas e valorizadas nesses discursos midiáticos (ANDRADE, 2013b, p.110).

Segundo Foucault (2007, p.54), discurso é prática, pois acabam formando os objetos de que falam. Os discursos tais como podemos ouvi-los e lê-los não são simplesmente um entrecruzamento de coisas e palavras, mas “ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e de difusão em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm” (FOUCAULT, 1997, p.12).

Assim, acreditamos com Fischer (2002, p.160) que analisar criticamente as HQ’s nos permitirá olhar para além daquilo que nos é mostrado, procurando ultrapassar as evidências e pensar diferente da maneira como estamos acostumados a enxergar as coisas que nos são apresentadas.

Nesta pesquisa, tomamos como *corpus* de análise uma história em quadrinho intitulada “Este regime não está cheirando bem”, publicada no Almanaque Turma da Tina, edição nº 24. Nela procuramos investigar que enunciados instituem um “corpo perfeito” e que

práticas são apresentadas por meio da personagem principal a fim de conseguir alcançar o pretensão “corpo ideal”.

Consideramos a análise desse artefato importante, pois ele se constitui uma potente pedagogia cultural por meio da qual são instauradas lições de como “cultuar” um corpo desejável, saudável e bonito, ensinando aos seus leitores maneiras de como ver, ter e manter um corpo “ideal”. Nesse sentido, “há pedagogia em qualquer espaço em que se efetua educação, em que se ensina aos indivíduos modos de proceder, de viver, de fazer, de comprar, de comer, de vestir, de falar” (ANDRADE, 2013b, p.110).

### **A “louca” das dietas...**

Tina, Pipa, Zecão, Rolo e outros personagens são criações do famoso desenhista Maurício de Sousa e fazem parte da Turma da Tina, tão famosos quanto a queridinha Turma da Mônica, Tina e seus amigos ocupam posições diferenciadas no conjunto de personagens de Maurício que estamos acostumados a ver, pois apresentam idades mais avançadas e vivem os ditos problemas e confusões da chamada adolescência.

Tina é apresentada nas revistas dentro de uma estética que a constrói em oposição ao corpo de Pipa; enquanto Tina é magra, alta, com silhueta bem definida, com cabelo grande e liso, Pipa é baixa, gorda, usa roupas largas, cabelo curto e é bastante desajeitada. Para Pipa, Tina é a personificação de tudo aquilo que ela deseja para si: popularidade, sensualidade, um corpo agradável e atraente. Tal oposição decorre de o corpo ideal ser um enunciado que não existe isoladamente, ele faz parte de um jogo enunciativo que desempenha um papel no meio de outros que nele se apoiam e deles se distinguem, como o corpo gordo (FOUCAULT, 2007). Nessa perspectiva, os corpos magro e gordo não tem existência numa relação pré-linguística, mas coexistem de forma indissociável na linguagem.

Na história “Este regime não está cheirando bem”, Pipa descobre uma nova forma de fazer dieta, ela aparece para os pais com pregadores de roupa no nariz, com a intenção de não sentir o cheiro dos alimentos e das refeições. Ao longo da narrativa a personagem surpreende os seus amigos e seu namorado pela atitude, mas o desejo de conseguir perder peso é muito maior. Quase no final ela participa de uma reunião com outras mulheres que, assim como ela, também usaram a técnica de emagrecimento e conseguiram resultados, mas, em consequência, ficaram com os narizes grandes pelo uso da técnica sugerida. Assim, percebendo como seu nariz ficaria, Pipa mais uma vez desiste da dieta e segue procurando outros meios para alcançar a beleza que tanto aprendeu a desejar.

Pipa, nas histórias de Maurício de Sousa é a melhor amiga da Tina e namora o desajeitado Zecão. Por ser “gordinha” vive tentando fazer regime, mas no final das contas suas tentativas sempre são um fracasso<sup>1</sup>. Ao longo da construção da personagem Pipa é produzida com duas características marcantes: as buscas contínuas de “fisgar” seu namorado Zecão para casar e; do corpo ideal, tido como o corpo magro. Para isso se lança as mais estapafúrdias práticas de emagrecimento. Sua obsessão pela magreza na maioria das histórias também aparece na fala de outros personagens que a acompanham na busca por seu objetivo (Fig. 01).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/pipa/>



Figura 01: Pipa contando sobre o seu “novo” método para emagrecer.

O corpo de Pipa é um corpo que a incomoda, é inadequado e que ‘precisa ser corrigido’. Ela sempre está em busca de algo que ainda não alcançou e investe grande parte de seu tempo e trabalho na busca do almejado corpo e com isso sofre. Pois, “a mulher que não cuida do seu corpo está sujeita a uma série de punições: a perda do marido (ou da possibilidade de ter um), de sua autoestima, do amor próprio, do respeito por si, do respeito pelos outros” (SARRAF; BASTOS, 2017, p.06).

Assim, percebemos um grande “incentivo à perda de peso, à adesão a diferentes dietas fazendo com que o controle da alimentação faça parte do controle do corpo [...] e, por que não dizer, de seus gestos, atitudes, comportamentos e identidades” (FIGUEIRA, 2013, p.133). Felipe (2013) traz essas discussões para o seu texto ao mostrar como o corpo se tornou objeto de consumo, para a autora:

O constante à beleza, que se expressa através de um corpo magro e jovem, e que, para se manter dentro desses padrões, precisa cada vez mais se submeter a sacrifícios e cuidados, tem encontrado acolhida não só entre mulheres mais maduras, mas também entre as jovens e meninas. Elas frequentam cada vez mais cedo as academias de ginástica, submetem-se a cirurgias plásticas, fazem dietas [...], tudo em nome da beleza (FELIPE, 2013, p.56).

É todo esse caminho de transformação na vida humana que Michel Foucault chama de “bio-história”, quando as pressões em nome dos movimentos da vida e os processos históricos chocam-se entre si, fazendo do poder-saber uma “biopolítica” (FOUCAULT, 1988, p.134). Para o autor:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política (FOUCAULT, 1979, p.80).

É tornando-se essa realidade bio-política que o corpo se torna alvo principal de uma série de poderes que investem seus efeitos para “encaixá-lo” num padrão e num modelo pré-definido, não permitindo que ele possa existir e ser da maneira que quiser, sem definições, padrões ou receitas que ditam o que é o “certo ou errado”.

### Que corpo eu quero?

Diante de todo o “sacrifício” empregado na busca de um corpo “perfeito” por Pipa, percebemos um “modelo” que é alvo das atenções e dos suspiros das mulheres. Pensamos com Sarraf e Bastos (2013, p.04) que o corpo magro que aparece como objetivo a ser alcançado pela personagem funciona como uma espécie de “antes e depois”, uma evolução ou aperfeiçoamento do corpo que se tem para uma versão mais “bela, saudável e feliz” (Fig. 02).



Figura 02: Resultados alcançados através do método escolhido por Pipa.

Dessa maneira, o magro se apresenta numa posição central, considerada como a posição “não problemática”, enquanto que todas as outras posições de sujeito estão subordinadas ou a margem dela, ou seja, o excêntrico (LOURO, 2013, p.46). Desse modo, a magreza se configura como uma referência que deve ser considerada natural e tudo aquilo que não cabe ao central, como o corpo gordo, deve buscar se enquadrar ao que é a “norma”.

Nessa perspectiva o corpo gordo funciona como “o corpo antítese do que se quer afirmar” (FIGUEIRA, 2013, p.133), ele se torna necessário para confirmar aquilo que se é ou não é. Quem é representado como diferente [...] torna-se indispensável para a definição e para a contínua afirmação da identidade central (LOURO, 2013, p.49).

Na história “Me diz que eu sou o seu tipo...”, Pipa indaga Zecão sobre qual seu tipo de garotas e ele prontamente responde: “Loira, magra, alta, e de cabelos compridos!”, um biotipo totalmente diferente do que a personagem apresenta. Perseguindo esse modelo, ao longo da história Pipa faz uma série de modificações em sua aparência (Fig. 03). Na tentativa de atingir seu objetivo ela utiliza peruca, cinta modeladora de cintura e sapatos de salto alto para que o seu namorado pudesse ficar feliz e bem com sua aparência, mas ao final das contas ela não consegue seguir o forçado estilo de vida e retorna às suas atividades de rotina.

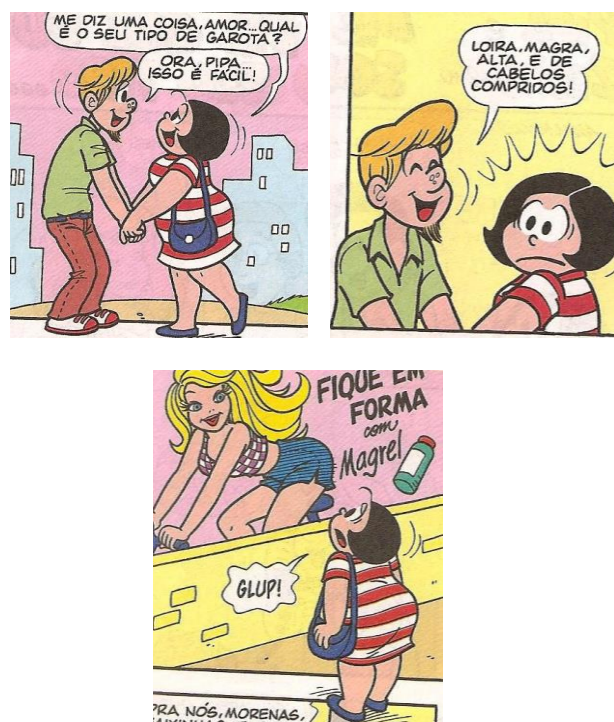


Figura 03: Trecho retirado da história “Me diz que eu sou o seu tipo...”.  
Revista da Magali - nº 15.

Na fala de Zecão o modelo “ideal” de garota, obedece à tríade magra-loira-alta totalmente diferente do tipo físico de sua namorada que a partir desse diálogo começa a ver que de fato é uma pessoa “diferente” do que as pessoas desejam. Esse corpo que foge da “norma” faz com que a personagem busque alternativas rápidas e práticas para atender as demandas que lhe são cobradas.

### **Em qual fôrma (ou forma) cabe a vida?**

Como biólogos e educadores nos é ensinado que devemos cuidar da vida em todas as suas formas, desde os seres menores até os que possuem proporções gigantescas. Dessa forma, cabe-nos perguntar: Existe uma fôrma (ou forma) para encaixarmos a vida das pessoas? Nascemos “pré-fabricados” para ocuparmos um corpo já formado e definido? Em nossa vida não cabe pensarmos em uma “ecdise do corpo”<sup>2</sup>?

Esse conjunto de enunciados que criam as identidades do magro-saudável-bonito e do gordo-feio-doentio, também circulam em numerosos artefatos culturais produzindo necessidades, desconforto e, sobretudo, uma paranoica e incessante busca por um corpo que nunca é o seu e que precisa, a todo o momento, ser melhorado e qualificado para nos dotar de predicados como a autoestima, coragem e até desejo e atração. Nesse sentido, entendemos com Gregolin (2007, p.21) que a mídia fornece próteses de identidades, ou como ela chama, identidades “*prêt-à-porter*”, trabalhando o corpo como um simples receptáculo de projetos identitários. Esse trabalho incessante ocupado pelas mais diversas mídias que faz com que os sujeitos vivam uma tensão entre as infinitas possibilidades de singularização e a insistência poderosa de modelos de identidade.

Essa pedagogia cultural que atravessa e envolve o ambiente escolar há de constituir objeto de atenção de professores, uma vez que é na escola, pela intensidade do convívio, que as comparações e insatisfações explodem fazendo dos estudantes os principais sujeitos (e vítimas) a ocuparem lugar no discurso da estética saudável. Também é na escola que podemos ter a possibilidade de (re)pensarmos o papel das Ciências e da Biologia na produção de significados para esses corpos e como estamos, em nossas aulas, marcando e desenhando um padrão de corpo que aparece nos livros didáticos, em nossos atos cotidianos e em nossas falas enquanto profissionais que fazem parte da formação de dezenas de cidadãos e futuros cidadãos de nossa sociedade.

Diante dessa discussão trazemos uma questão proposta por Trivelato (2005, p.121) que acreditamos servir para pensarmos em nosso papel na constituição desses sujeitos: **Que corpo humano cabe no Ensino de Biologia? Quais corpos somos ensinados e/ou ensinamos nossos alunos a ser em nossas aulas de Ciências/Biologia?** É a partir dessas reflexões que começaremos a pensar em um Ensino de Ciências transformador, que possa olhar para seu interior, para seu currículo e possa possibilitar espaços para a existência de várias formas e não apenas fôrmas de ser humano, e assim, fazer jus realmente ao significado que a palavra “Biologia” carrega.

Nossa intenção nesse texto foi, assim como diz Michel Foucault (2007), deixar em suspenso formas prévias de continuidade e de sínteses que por vezes não problematizamos e sacudir a quietude pela qual as aceitamos, acreditamos que

---

<sup>2</sup> Cunhamos o termo “ecdise do corpo” utilizando o conceito ecológico de ecdise para pensar em um corpo que vive em constante mudança, troca, muda, que não é único, acabado e pronto.

é preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam. E ao invés de deixá-las ter valor espontaneamente, aceitar tratar apenas, por questão de cuidado com o método e em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos (FOUCAULT, 2007, p. 24).

É pensando de um modo diferente para a produção dos corpos que podemos fugir das normatizações em busca de caminhos de resistências que recusem todas as fôrmas para o *ser vivo*. É armando nosso olhar para o que nos é invisível e para o que “não é dito” que poderemos a(r)mar também nossas ações e práticas docente em busca de uma escola, de fato, plural e diversa.

## AGRADECIMENTOS E APOIO

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fomento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, C S. **Histórias em Quadrinhos e Educação**: Inovando o currículo. Didática e Prática de Ensino na relação com a escola, Editora da UECE, 2014.

ANDRADE, S S. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, G L; FELIPE, J; GOELLNER, S V. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade**: Um debate contemporâneo. Editora Vozes, 9ª ed. Petrópolis, 2013b.

ANDRADE, S S. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, D; SOARES, R. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Editora Mediação, 3ª ed. Porto Alegre, 2013a.

FELIPE, J. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, G L; FELIPE, J; GOELLNER, S V. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade**: Um debate contemporâneo. Editora Vozes, 9ª ed. Petrópolis, 2013.

FIGUEIRA, M L M. A revista *Capricho* e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, G L; FELIPE, J; GOELLNER, S V. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade**: Um debate contemporâneo. Editora Vozes, 9ª ed. Petrópolis, 2013.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970 – 1982)**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Editora Forense Universitária, 7ª ed. Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 1**: O uso dos prazeres. Editora Graal, 13ª ed. Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1979.

GREGOLIN, M R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.4, n.11, p 11-25, 2007.

HARDT, M; NEGRI, A. **Declaração: Isto não é um manifesto**. Trad. Carlos Szlak, n-1 edições, São Paulo, 2016.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G L; FELIPE, J; GOELLNER, S V. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo**. Editora Vozes, 9ª ed. Petrópolis, 2013.

SARRAF, D. C.; BASTOS, S N D. Magra e Feliz: Lições de beleza da revista sou mais Eu!. Anais do 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, Canoas, 2017. **Anais...**

TRIVELATO, S. L. F. Que corpo/ser humano habita nossas escolas? In: MARANDINO, M; SELLES, S. E; FERREIRA, M. S; AMORIM, A. C. (Org.) **Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa**. Niterói: EDUFF, 2005.

VERGUEIRO, W. Uso das HQS no ensino. In: BARBOSA, A; RAMA, A; RAMOS, P; VILELA, T; VERGUEIRO, W. (Org.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. Editora Contexto: São Paulo, 2005.